

Universidade Federal da Santa Catarina  
Centro de Comunicação e Expressão  
Departamento de Jornalismo  
Curso de Jornalismo

# A vida de Adolfo Zigelli

Categoria: Grande Reportagem  
Suporte: texto – Semestre: 2002/2

Elissa Bonato e  
Nara Cordeiro

Trabalho apresentado no Curso de Jornalismo  
da Universidade Federal de Santa Catarina,  
como requisito parcial para a conclusão do Curso,  
sob a orientação do Jornalista César Valente

Florianópolis, fevereiro de 2003

## AGRADECIMENTOS

A todos os que nos ajudaram com depoimentos, fotos e documentos ou com a disponibilidade para revisar e organizar nossos textos. Àqueles também que estiveram ao nosso lado durante os quatro anos de universidade. A realização dessa obra só foi possível pelo estímulo dessas pessoas.

## INTRODUÇÃO

A idéia de fazer um trabalho sobre Adolfo Zigelli surgiu já na primeira fase do Curso de Jornalismo, em 1999. Vivemos mais de 18 anos sem saber quem tinha sido ele. Até aquele momento, para nós, era apenas o nome do acesso que liga o centro de Joaçaba à BR 282.

Foi motivo de orgulho saber que o radialista Adolfo Zigelli era nosso conterrâneo. Nascido, em Cruzeiro do Sul (hoje Joaçaba), no meio-Oeste catarinense, foi para a Capital do Estado aos vinte anos e fez sucesso com seu jeito de fazer rádio e jornalismo. Zigelli marcou época. E mesmo assim, nós e muitos outros catarinenses não conhecíamos sua história.

Como um aviso de que essa pesquisa precisaria mesmo ser feita, livros sobre Adolfo Zigelli foram aparecendo na nossa frente por puro acaso. O primeiro, num sebo de Florianópolis, em 2000. **As Soluções Finais** reúne crônicas que Zigelli publicou no Jornal de Santa Catarina em 1968. Já no prefácio, a irreverência que sempre o acompanhou:

*“Este livro não tem a mínima pretensão de ser um livro. É, no máximo, um livrinho sem compromisso, leve e digestivo, nem melhor nem pior. Não tem nada de mais, mas em compensação, também nada de menos. Não vai mudar coisíssima nenhuma e já me dou por muito bem pago e satisfeito se não provocar alguns bocejos de fastio ou sonolência (...) Não tenho nenhum agradecimento especial a fazer, muito pelo contrário. Ninguém me incentivou e nem mesmo houve insistência dos amigos para que reunisse alguns dos meus trabalhos”.*

O segundo livro, também descoberto por acaso numa livraria, foi **Adolfo Zigelli: Jornalismo de Vanguarda**, do jornalista Moacir Pereira. A obra é uma síntese do pensamento de Zigelli, com trechos transcritos de seus artigos, discursos e entrevistas. Mas a biografia continuava faltando.

A **vida de Adolfo Zigelli** conta a vinda dos pais, europeus, para o Brasil; a infância em Joaçaba, pobre mas feliz, segundo todos os depoi-

mentos; a descoberta da vocação pelo jornalismo; a carreira de sucesso em Florianópolis; a vida de festas e grandes amores; a morte trágica. E permite acompanhar uma carreira jornalística gestada no engajamento político-partidário que em algumas décadas desligou-se desse vínculo e mereceu o respeito de ex-adversários, chegando ao final com uma marca indiscutível de credibilidade.

Para muitos, ele foi o melhor jornalista catarinense de todos os tempos. Até hoje, sem sucessor. Tão admirado que até adversários da época reconhecem seu talento e valor. Adolfo Zigelli deixou muita saudade não só entre amigos e familiares: uma legião de ouvintes lembra-se do Vanguarda como se ele tivesse terminado há poucos meses.

Muita gente, contudo, ainda precisa saber quem foi esse grande homem. É com esse objetivo que nosso trabalho foi feito. Plagiando Adolfo Zigelli, *"leiam à vontade e não vão dizer depois que o livro tem muita cachacina e pouca feijoada"*.

## TETO BAIXO

— Esta noite eu tive um sonho. Um pesadelo que não gostei. Sonhei com meu pai dizendo que vinha buscar um de nós. Também sonhei com o Adolfo. Ele dizia que iria viajar, mas que logo voltaria.

Na manhã daquele dia 30 de agosto de 1975 Gertrudes, irmã de Adolfo, iria para o Rio de Janeiro, acompanhando seu marido Walmor Garcia, que participaria de um congresso de medicina. Enquanto arrumavam as malas, ela contava o sonho, lembra Olga, filha do casal.

Gertrudes não sabia, mas o irmão caçula tinha mesmo uma viagem marcada para Joaçaba naquela manhã. Era um sábado cinzento e as condições do tempo na região do Vale do Rio do Peixe, onde o avião de Adolfo pousaria, não eram favoráveis. Por causa do nevoeiro e da intensa chuva, a viagem foi transferida para a tarde.

Por volta das 14h, os passageiros já estavam no aeroporto Hercílio Luz esperando a autorização para a decolagem. O bimotor Aero-Commander, prefixo PT1QG, que pertencia à Celesc e prestava serviços ao governo estadual levaria, além do Secretário de Imprensa, Adolfo Zigelli, o Superintendente do Fundesc, Airton Pretto e seu irmão, Chefe de Gabinete do Secretário da Fazenda, Sérgio Pretto. De carona, ia o menino Rodrigo Bonato, com oito anos, filho do Secretário da Fazenda, Ivan Bonato, que viajara para Joaçaba no dia anterior.

O bimotor seria pilotado por Oscar Bottaro, que deveria chegar de São Paulo naquele dia. Mas ele atrasou e outra equipe foi chamada. O Comandante Hans Adolfo Haeger, e o co-piloto, Comandante Mário Eberle Shaeffer, ficaram encarregados de levar a comitiva do governo até Joaçaba. Haeger era piloto experiente, com 24 anos de profissão. Mesmo tendo sido informado pela torre de comando que o teto estava baixo, dificultando o pouso, às 14:30h decidiu partir.

Uma hora e meia depois, a apenas cinco quilômetros do aeroporto de Joaçaba, o avião voava a 150 metros do chão, preparando-se para a



aterrissagem. A hélice do lado esquerdo raspou em um coqueiro. Os pilotos ainda tentaram ganhar altura, acionando o manche, mas a asa direita bateu em uma árvore e lançou o aparelho na mata fechada. O avião chocou-se contra o morro, onde abriu uma clareira.

Os agricultores Lirio Valle, Salter, Edísio e Alberto Graef, que trabalhavam na Linha Germano, distante 12 quilômetros do centro de Joaçaba, ouviram um rápido ronco seguido de um estrondo. Foram abrindo caminho no meio do mato com as ferramentas que tinham, até encontrarem os destroços do avião.

Os dois pilotos estavam esmagados pelo choque frontal. Airton Preto e seu irmão Sérgio, presos entre ferros torcidos. Adolfo estava de costas para o chão, com as pernas dobradas para cima, preso ao cinto de segurança. Todos tiveram morte instantânea. Apenas o menino Rodrigo dava sinais de vida. Ainda com o cinto de segurança, ele gemia. Perto do garoto, uma valise com o nome "Ivan Bonato". Por essa identificação, os agricultores deram-se conta que aquele era o avião que transportava as autoridades de Florianópolis, conforme tinham ouvido no rádio.

O garoto, único sobrevivente, foi o primeiro a ser socorrido. Rodrigo foi levado às pressas ao Hospital Santa Terezinha, em Joaçaba, após ter ficado preso por mais de uma hora entre as ferragens do avião. Inconsciente, com fraturas em ambas as pernas e problemas respiratórios, o garoto foi depois transportado para o Hospital das Clínicas, em Curitiba. Hoje, com seqüelas do acidente, Rodrigo vive em Joaçaba e nem ele nem seus familiares falam sobre aquele dia.

O resgate dos corpos foi demorado por causa da chuva contínua. O corpo de Adolfo foi um dos primeiros a ser levado ao hospital, em Joaçaba. Os corpos dos pilotos foram os últimos a serem retirados.

A notícia do acidente espalhou-se rapidamente por todo o estado. O prefeito de Joaçaba, Raul Furlan, decretou luto oficial de três dias. Centenas de pessoas aglomeraram-se diante da Câmara de Vereadores, esperando que os corpos fossem velados ali. Mas o governador Antônio Carlos Konder Reis determinou que o corpo do seu Secretário de Imprensa fosse embalsamado e enviado a Florianópolis para o sepultamento. Os corpos dos irmãos Preto foram transportados para Passo Fundo, sua cidade natal. Os dois pilotos foram sepultados em Blumenau.

O domingo, 31 de agosto, foi de muita tristeza em Florianópolis. Uma multidão lotava a frente do Palácio do Governo, esperando o corpo de Adolfo, que chegou ao salão nobre por volta das 9h, acompanhado de

uma comitiva do Rotary Clube e de vereadores de Joaçaba.

Às 16h, o cortejo fúnebre dirigiu-se ao cemitério Jardim da Paz, cerca de 12 quilômetros do centro da cidade. Neste momento, segundo os relatos dos jornais, Florianópolis parou. O trânsito no centro ficou interrompido. Do centro até o cemitério, quase dois mil carros participaram do cortejo que passou pelos bairros Agronômica, Trindade e Itacorubi. Muitas pessoas, nas calçadas, acenavam emocionadas, dando adeus ao jornalista que durante muitos anos teve espaço cativo nos seus lares.

A história do ídolo do rádio catarinense e funcionário do governo Antônio Carlos Konder Reis começara 39 anos antes, a poucos quilômetros do local do acidente.

Na casinha pequena de madeira, com três quartos, no centro da então Cruzeiro do Sul, em 12 de março de 1936, Olga Zigelli dava à luz o menino que seria o mais rebelde e famoso dos três filhos.

Como os dois irmãos mais velhos, Adolfo ganhou logo seu apelido: *Pipsi*. Gertrudes, primogênita, nascida em 22 de março de 1931 era *Medi* e Walter, nascido em 3 de fevereiro de 1933, *Bubi*. Todos os chamavam pelos apelidos, de origem provavelmente alemã. Os pais das três crianças falavam alemão em casa. Tinham vindo de países distantes, que os vizinhos como dona Francisca Lima e dona Elvira Nering sequer sabiam onde ficavam.

## À SOMBRA DA NOGUEIRA

Depois da 1ª Guerra Mundial, a Europa estava devastada. O continente não oferecia mais condições de progresso aos jovens que, como Guilherme Zigelli, queriam apenas trabalhar. Guilherme desiludiu-se com a guerra. Ele, que havia lutado como soldado do Império Austro-Húngaro e presenciado tanta desgraça, não podia suportar a maior de todas: a falta de esperança que se seguiu ao fim do conflito. Decidiu ir embora, sozinho, no final da década de 20. Único filho homem, deixou a mãe sofrendo na Romênia. A matriarca dos Zigelli plantou uma noqueira no dia em que o filho saiu de casa. Todas as tardes, conta o neto Walter,



Mapas da coleção da Biblioteca Perry-Castañeda, The University of Texas at Austin ([www.lib.utexas.edu/maps/index.html](http://www.lib.utexas.edu/maps/index.html))





sentava num banco de madeira embaixo da árvore e sonhava em ver o filho pelo menos uma vez mais.

Guilherme saiu de Gura-Humorolui, na região da Bucovina, território que passou a pertencer à Romênia depois da guerra, e veio para São Paulo. Na nova terra, um destino diferente já o esperava. Pelo mesmo motivo que Guilherme, Olga Daniti, uma sérvia 20 anos mais jovem do que ele, chegava ao Brasil. A Sérvia não era mais o país onde ela e o grupo do qual fazia parte gostariam de viver.

A América, como pensavam, seria a solução para a vida dos dois. Casaram-se, apesar da dificuldade de comunicação: ele falava alemão e romeno, ela apenas o idioma de seu país o sérvio. O português, os dois aprenderam depois de meses morando no Brasil. Ele com mais facilidade, já que o romeno é uma língua latina, como o português. Mas em casa eles sempre se comunicavam em alemão, que Olga aprendeu com o marido.

A estada em São Paulo não durou muito. O casal decidiu ir atrás das origens. Desembarcaram em Santa Catarina, no município de Cruzeiro do Sul (hoje Joaçaba), onde, descobriram, havia um núcleo de imigrantes alemães. Para ganhar a vida, Guilherme foi trabalhar em uma serraria, na localidade de Santa Clara, interior do município.

O negócio não teve sucesso. Como outros em que entrou. Montou um açougue e uma fábrica de cadeiras. Também deram em nada. Foi ser guarda-livros, cuidando da documentação das empresas, uma espécie de contador da época. Mais uma vez o emprego não durou. Guilherme era essencialmente um intelectual. Sua vocação era mesmo o conhecimento.

Traduziu para o alemão o livro *Olhai os lírios do campo*, de Érico Veríssimo. Com uma cultura ampla, entendia de matemática a grego. E na época em que a região se preocupava muito mais com o desenvolvimento econômico que com a instrução, ele impressionava pela inteligência. Mesmo com a impossibilidade do término dos estudos em função da guerra, o que aprendeu na escola quando criança foi suficiente para despertar nele a vocação pelo saber. Aprendia-se muito mais em qualquer país da Europa do que no Brasil. Mesmo na Romênia, menos desenvolvida e mais pobre do que as nações vizinhas, os alunos tinham muito mais conhecimento.

Brasílio Celestino de Oliveira foi quem primeiro percebeu a inteligência de Guilherme. Convidou, em 1933, o fracassado comerciante e péssimo açougueiro, para auxiliá-lo na administração do Núcleo Colonial Papuã, futura cidade de Treze Tílias, habitado por imigrantes austríacos.

Apesar da maioria dos austríacos ter vindo por incentivo do governo brasileiro, que doou terras, muitos deles não puderam ter suas propriedades legalizadas. Com o início da Segunda Guerra, o Brasil declarou-se inimigo da Alemanha e a colônia ficou sob administração de um provedor, Brasília Celestino. Mas era Guilherme, fluente em alemão, quem conversava com os austríacos. A atividade proporcionou, durante bons anos, o sustento da família Zigelli.

Guilherme tinha entre seus amigos pessoas muito pobres. Bêbados e negros freqüentavam a casa dos Zigelli. O casal ajudava sempre os vizinhos mais necessitados. As crianças de rua também. Olga fazia bolacha em casa e oferecia a quem estivesse com fome. Quem vinha pedir alguma tradução para Guilherme já almoçava com eles.

Mas a família não era abastada. O dinheiro sempre estava contado. E, passados oito anos da chegada ao Brasil, eles tinham três filhos. Segundo Nelson Pedrini, que foi colega de escola, os dois meninos fizeram a primeira comunhão no ginásio do colégio Frei Rogério separados dos outros, porque não tinham dinheiro para comprar as calças e camisas apropriadas para a cerimônia na Igreja.

Como a grande maioria das mulheres da época, Olga era uma dedicada dona de casa. O fogão sempre brilhando. Cozinheira de mão cheia, fazia uma comida bem temperada. A especialidade: trouxinhas de repolho. Sempre preocupada com os filhos, as roupas e sapatos das três crianças eram impecáveis. Como os meninos não podiam deixar de usar o uniforme, no inverno as jaquetas e calças cáqui eram enxugadas no calor do ferro de brasas. Mais moço, Adolfo andava sempre de terno branco, que ela lavava e engomava sempre. Não aceitava ajudantes. O serviço da casa era todo com ela. Para Olga Zigelli, o cuidado com o lar e a família foram a realização da sua vida.

Disciplina era a palavra de ordem na educação dos filhos. Walter, Gertrudes e Adolfo acordavam todos os dias às 5h e estudavam em voz alta sob o olhar vigilante do pai que, em frente ao fogão à lenha, tomava chimarrão na companhia da esposa. Guilherme exigia disciplina também com os uniformes. Precisavam estar bem limpos. Os sapatos sempre engraxados. A refeição na hora certa. A não ser no período de férias, não permitia que nenhuma das crianças dormisse fora de casa.

Apesar da surra ser uma prática freqüente na época, nunca foi preciso bater em nenhum dos filhos. Os três não tinham coragem de desobedecer ao pai, antigo militar.

Os três irmãos estudaram no Grupo Escolar Roberto Trompowski durante o primário. Só os filhos homens fizeram o ginásio, no Colégio Marista Frei Rogério. Walter era o mais aplicado. Mas Adolfo tinha maior facilidade para entender os conteúdos. Ia bem para quem estudava pouco. Um aluno regular. As notas do ginásio, cursado de 1947 a 1950, iam de 5,0 a 7,0.

Bom mesmo era a diversão depois do colégio: tomar banho no Rio do Tigre. Havia um poço que as crianças apelidaram de "poço redondo", perto do estádio de futebol Oscar Rodrigues da Nova. Pulavam das pedras e mergulhavam. As mães nem ficavam sabendo das travessuras. Os garotos deixavam os calções pendurados nas árvores para chegar em casa com a roupa seca. Não é por acaso que o local de banho da gurizada atrás do Cinema Vitória se chamava "poço dos pelados".

Pescavam, caçavam passarinho no mato, colhiam frutas no pé. Domingo era dia de matinê no cinema. As crianças eram fãs dos heróis dos filmes. Às vezes, brincavam com espadas, imitando o Zorro.

As brincadeiras eram na rua. Meninas de um lado, meninos de outro. Enquanto as mães contavam as fofocas sentadas na varanda ou na calçada em frente às casas, eles jogavam peteca, entoavam cantigas de roda, brincavam de esconde-esconde.

Dentro das limitações, a vida era feliz. Tristeza só quando chegavam as notícias da família. Guilherme recebia cartas, em alemão, das irmãs e dos sobrinhos que participavam da Segunda Guerra.

Pouco antes de morrer, a mãe escreveu contando sobre a noqueira que havia plantado no dia da partida de Guilherme. A árvore já estava enorme e ainda não havia sinal do filho. As cartas contavam da dificuldade da sobrevivência em Gura-Humorolui com outra guerra. A situação da Romênia, atrasada e com uma agricultura incipiente, deixava Guilherme triste e preocupado. Mas, afirma Walter, ele não deixava que os filhos percebessem.



## A DESCOBERTA DA VOCAÇÃO

Como o irmão mais velho, Walter, era caseiro e não gostava muito das brincadeiras e jogos na rua, Adolfo, então com 8 anos, arranjou um companheiro para as brincadeiras. O melhor amigo da infância foi Nelson Tesser. Hoje com mais de 60 anos, Tesser lembra que o que os dois mais gostavam de fazer era jogar bolinha de gude. Juntos tinham uma coleção de 1.500 bolinhas e eram os campeões da rua. Imbatíveis, depois de um tempo começaram a usar o monte de bolinhas para caçar. Caçavam atrás do colégio, do campo de futebol e próximo à gruta da cidade. Toda caça rendia no mínimo uns vinte sabiás. Os passarinhos, preparados pela mãe de Nelson, eram a refeição do dia seguinte dos dois moleques.

Também eram companheiros na função de coroinhas na igreja católica. Acordavam às 5h para ajudar a missa. Frei Edgar sempre levava Adolfo e Nelson quando ia para as capelas do interior. Recebiam uns trocados dele. No almoço, a melhor parte das galinhas recheadas era reservada para o padre e os meninos.

Na adolescência, início dos anos 50, os dias de folga eram ocupados com as matinês dançantes nos clubes. A turma saía de casa mais cedo para fumar escondido dos pais e professores em um pavilhão em construção que ficava no caminho. Faziam competição de quem ficava segurando por mais tempo a xepa do cigarro sem queimar o dedo. Nelson dava alguns cigarros, surrupiadados do armazém do pai, para Adolfo.

Todas as noites reuniam-se nos bares. Ficavam contando piadas e falando de futebol até madrugada alta. Adolfo era vascaíno, Nelson botafoguense. Os times rivais da época.

No fim dos anos 40 a gurizada praticava muito esporte. O estádio e o ginásio do colégio eram locais freqüentes das peladas. Apesar de não ser muito bom de bola, Adolfo jogou como ponta-direita no Esporte Clube Juventude, fundado em 1951. O nome foi uma homenagem ao time homônimo de Caxias do Sul.



O Juventude foi formado pelos rapazes que gostavam de jogar bola, mas não tinham dinheiro para jogar no campo do estádio municipal. A turma reunia-se para bater bola em um campinho mais distante do centro da cidade. Nos finais de semana e feriados era sagrado, a pelada estava marcada. O Juventude começou com 25 garotos com no máximo 17 anos. Logo teve estatuto, uniforme – azul e branco – e registro na Liga Esportiva, o que deu direito aos treinos, uma vez por semana, no campo dos profissionais: os já consagrados times do Atlético e do Comercial.

Os sócios do clube contribuía com uma mensalidade que bancava uniformes e passagens para partidas em outras cidades. Mais tarde, times amadores de vôlei e basquete também foram formados dentro do clube. Em 1960, o Juventude foi o primeiro time a representar Joaçaba nos Jogos Abertos Estaduais, afirma Cesário Rogglio, um dos ex-dirigentes.

Adolfo era o mais gozador da equipe. Adair Tesser participou do churrasco onde, a certa altura, Adolfo sugeriu que tirassem uma foto com o técnico do time. O "treinador" era um burro que Adolfo encontrou pastando num terreno baldio perto de onde estavam.

Também era o de pávio mais curto. Certa vez, um adversário machucou o melhor amigo. Zigelli, que estava na reserva, não pensou duas vezes, saiu do banco para bater no jogador.

Guilherme Zigelli cumpriu, até o último dia da vida, sua principal determinação: fazer o esforço que fosse preciso para dar aos filhos a educação adequada. Vendeu as duas casas que tinha em Joaçaba para manter Walter e Adolfo estudando no Colégio Rosário, em Porto Alegre. Olga achava um desperdício. Sofria por não poder conversar com os filhos.

Walter conta que foi fazer o segundo grau na capital gaúcha em 1950. Adolfo o seguiu um ano depois. Guilherme acreditava que a instrução seria a melhor herança, o mais gratificante de todos os seus investimentos. Sonhava com a carreira dos filhos.

Mas eles tiveram de interromper os estudos em Porto Alegre. As condições financeiras da família não permitiram mais que os dois ficassem fora de casa. Voltaram para Joaçaba em 1952.

Um ano depois, aos dezessete, Adolfo conseguiu seu primeiro emprego. O mesmo Brasília Celestino que havia convidado Guilherme Zigelli para trabalhar com os austríacos chamou os filhos para serem locutores. Brasília era um dos donos da rádio local e percebeu o dom que Walter e Adolfo tinham. A ZYC-7, Rádio Sociedade Catarinense Ltda. abriu as portas aos incipientes radialistas.

Os dois também trabalhavam no *Cruzeiro do Sul*, jornal da cidade ligado, como a Rádio Catarinense, à União Democrática Nacional (UDN). Brasília era um dos líderes do partido na cidade. A programação da rádio e a redação do jornal eram abertamente voltadas para a defesa do partido. Walter chegou a diretor do *Cruzeiro do Sul* e Adolfo seu principal redator. Com uma coluna semanal chamada *Pelotaço*, Adolfo comentava os acontecimentos do esporte, principalmente do futebol. E no rádio narrava os jogos de futebol que ocorriam no campo do estádio municipal.

A partir daí Adolfo Zigelli nunca mais exerceria outra profissão. O jornalismo, em todas as suas formas e veículos, foi sua grande paixão pelo resto da vida.

A vocação dava sinais já na infância. Quando aprendeu a ler, foi o jornal *Correio do Povo*, um calhamaço publicado em Porto Alegre, que chegava à casa dos assinantes de Joaçaba com dois dias de atraso, que aperfeiçoou a leitura de Adolfo. À noite, no quarto que dividia com o irmão, o garoto de 7 anos lia as notícias do *Correio* em voz alta, imitando o locutor mais famoso da época: Heron Domingues, o *Repórter Esso*.

*"Aqui fala o repórter Esso, testemunha ocular da história com as últimas notícias. E atenção, atenção, ouvintes do Repórter Esso: forças comunistas acabam de atravessar o paralelo 38 invadindo a República da Coréia do Sul"*. Assim, o locutor anunciava o início da Guerra da Coréia, em junho de 1950. Distante pelo menos 1.500 km do Rio de Janeiro e da Rádio Nacional, o garoto de 14 anos imitava a voz grave do locutor. Na pacata cidade, agora chamada Joaçaba, talvez ele fosse a criança mais atraída pelas informações.

Na década de 50, o radialismo partidário projetava os locutores para a vida pública. Walter partiu para esse caminho e com o impulso da ZYC-7 foi vereador em Joaçaba e deputado estadual em 1962, mas a vocação do irmão caçula era mesmo a comunicação.

Criador de casos desde pequeno, Adolfo, uma vez, comprou a briga de um vendedor de bananas. Augusto Vivan tinha um depósito próximo à casa dos Zigelli e ali surgiu a amizade entre os dois. Um dia, Vivan deu uns safanões num garoto que roubava bananas. O juiz mandou prender o vendedor, pela agressão. Adolfo protestou contra o que considerou uma violência. Escreveu um editorial no *Cruzeiro do Sul*, criticando com veemência o Judiciário. E foi da mesma forma criticado. Para muita gente, só um louco falaria mal do juiz.

Mas Adolfo era menor de idade. O único gesto conhecido do tal juiz foi perguntar, ao assinar meio a contragosto o título de eleitor do jovem

jornalista: "Vou ter mesmo que assinar o título desse merdinha?"

Adolfo ainda estava apenas começando. O programa de rádio *UDN em Foco* apresentado por ele, como o nome já dizia, era pró-UDN. Aliás, igual a todos os outros programas da Rádio Catarinense. Os veículos de comunicação daquela época tinham profunda vinculação política. Jornalismo e política se confundiam. Mas se em Joaçaba a rádio era da UDN, em Herval d'Oeste, município vizinho, separado apenas pelo Rio do Peixe, a Rádio Herval D'Oeste – Joaçaba, era pessedista. O PSD também tinha um jornal: o *Tribuna Livre*. Um falava de cá, outro rebatia de lá.

"A oposição era feita com ofensas pessoais", lembra o pessedista Nelson Pedrini. Brigas e agressões eram frequentes. Muitas inimizades se formaram nessa época. Houve mortes até. Adolfo não poupava críticas às candidaturas de Pedrini, principal adversário, e de outros políticos do PSD.

O arrojo era um traço inconfundível da personalidade do caçula dos Zigelli. Curioso, lia muito, gostava de música, apreciava uma boa conversa. Herdou o lado intelectual do pai. Já o temperamento colérico, não se sabia de onde vinha. Quando perdia a calma ficava intratável, demonstrava a voltar a seu estado normal.

Adolfo escrevia os comentários políticos. Muitos comícios também eram transmitidos durante a meia hora do radiojornal. O povo vibrava não só com o que ele dizia, mas da forma como dizia. Segundo Walter, "tinha uma entonação toda particular".

Na época, as posições eram distintas e declaradas. Havia muita lealdade política, cada cidadão defendia o seu princípio partidário. Os comícios lotavam. De recursos técnicos, só um microfone e um amplificador de som. O sucesso ficava por conta dos discursos. Havia quem apostasse no comício que atrairia mais gente. Os partidos eram como hoje são os times de futebol. Quem renegasse o seu, era apontado como traidor e tinha até que deixar a cidade. Independente de quem fosse o candidato, ele era votado por todos os partidários.



Em 1955, Adolfo (e) e Walter (d), ainda com o luto pela morte dos pais, num comício em Joaçaba, durante a campanha do governador Jorge Lacerda. (Arquivo de Antunes Severo)



O povo esperava o momento de ouvir os programas das rádios rivais. A torcida era grande nos dois lados. E aconteciam coisas que hoje parecem engraçadas. Não era raro que a energia do transmissor de uma ou de outra rádio fosse cortada por algum sabotador. A rixa continuava aos sábados, quando circulavam os dois jornais de Joaçaba.

Em 1955, Rui Homerich, 32 anos, suplente de vereador em Joaçaba, influenciado pelo sogro Artur Pereira, presidente da UDN municipal, lançou-se candidato a prefeito. Nem ele próprio nem seus correligionários acreditavam na vitória. Seu oponente era Oscar Rodrigues da Nova, do PSD, ex-prefeito da cidade e já no segundo mandato na Assembléia Legislativa. Para ajudar na campanha de Rui, formou-se a Ala Moça da UDN, liderada pelos irmãos Zigelli. Usando a garagem de um moinho, o movimento começou com 15 filiados.

Walter e Adolfo percorriam o interior fazendo comícios. Os dois e mais um companheiro da Ala Moça montavam o equipamento em cima de um jipe. Chegavam nas localidades e anunciavam a presença do candidato, enquanto Rui ficava fazendo comício no local onde eles haviam passado anteriormente. A cada fim de semana, uma média de cinco comícios eram feitos. Sempre com uma mensagem para a juventude.

No final, a Ala Moça já tinha 800 filiados. Para a surpresa de muita gente, Rui se elegeu com significativa diferença. Hoje com 80 anos, Rui Homerich se emociona ao recordar o apoio decisivo dos irmãos Zigelli.

## UMA VIDA NOVA

Olga Zigelli soube que estava com meningite num sábado, dia 17 de fevereiro de 1955. No dia 19, ela, que nunca havia ficado doente, faleceu aos 43 anos no hospital Santa Terezinha. Guilherme bem mais velho e doente, sobrevivera. Mas não era fácil para ele ver a casa vazia, sem a companheira da vida toda. Quatro meses depois, no mesmo dia 19, o patriarca dos Zigelli morreu. Olga e Guilherme Zigelli viveram uma vida de privações demonstrando uma coragem e uma perseverança exemplares. Desde a fuga da Europa até o estabelecimento numa região com pre-





cárias condições de vida, nada foi fácil e mesmo assim deixavam, como Guilherme sempre pretendeu, a educação dos filhos como herança.

A morte dos pais num curto espaço tempo caiu como uma bomba na vida de Gertrudes, com 24 anos; Walter, com 22 e Adolfo, com 19. Eles, cuja família se resumia aos pais, viram-se, de uma hora para outra, sozinhos. Sem parentes próximos, nunca tinham vivido a experiência de morte na família.

Um dia resolveram definir o que fariam da vida. Gertrudes sugeriu que seguissem com o circo que passava por Joaçaba. Brincadeiras à parte, chegaram ao consenso de que não poderiam continuar morando naquela cidade e, principalmente, naquela casa, onde a presença dos pais era uma lembrança constante. Adolfo chegou a comprar passagem para Porto Alegre. Mas, para surpresa dos três, o destino foi mesmo a capital catarinense. Jorge Lacerda, recém-eleito governador do Estado, cumprira a promessa que havia feito quando veio a Joaçaba fazer um comício meses antes: se eleito, iria levá-los para trabalhar com ele em Florianópolis.

Walter era secretário da prefeitura municipal. Em abril de 1956, a solicitação de Jorge Lacerda chegou ao prefeito. O governador queria os dois

Os irmãos Zigelli (Adolfo de pé), em 1957, no serviço de imprensa do Palácio do Governo, em Florianópolis. (Arquivo de Antunes Severo)

irmãos em Florianópolis. Rui Homerich liberou os dois com a condição de que fossem estudar na capital. Walter se matriculou no curso de Direito na Universidade Federal, em 1963. Adolfo não queria saber de aulas

Em Joaçaba, novos locutores assumiram o posto de Adolfo no *UDN em Foco*. Mas, segundo o radialista Alfredo Teixeira, "era difícil achar um comentarista político com o mesmo padrão". O programa nunca mais teve a mesma ênfase. O *Cruzeiro do Sul* também perdeu qualidade depois da ida de Walter e Adolfo para Florianópolis.

A morte dos pais fez com que os irmãos se unissem. No primeiro Natal que passaram sozinhos, comeram pão com lingüiça, mistura que Gertrudes apreciava.

Em 1956 Florianópolis não era a cidade dos sonhos de Adolfo Zigelli, um jovem de 20 anos recém chegado do interior. Por muitas vezes pensou em mudar-se para Porto Alegre, onde já morara com Walter. Logo no início da vida na capital catarinense, os irmãos Zigelli tiveram dificuldades de adaptação.

O primeiro lugar onde se instalaram em Florianópolis foi na rua Menino Deus, no centro, próximo à Avenida Mauro Ramos, em um quarto alugado na casa de uma senhora. Além de não estar contente com a cidade, Adolfo também não gostava dali. A dona da casa criava um sagüi que ficava preso a uma árvore perto da janela do quarto dos irmãos. Não se sabia o que era pior: o mau cheiro ou o barulho que o animal fazia. Sem dinheiro, Adolfo e Walter tiveram que morar no pequeno quarto por mais tempo do que gostariam.

Apesar das dificuldades iniciais, o trabalho foi um dos motivos que convenceu Adolfo a continuar em Florianópolis. Ele foi colocado no servi-

ço de imprensa do Palácio do Governo, junto com o jornalista Jaime de Arruda Ramos e o radialista Dakir Polidoro. Lá produzia e apresentava com Walter um programa político na mesma linha daquele criado em Joaçaba. *O Governo do Estado em Foco*, lembrava o nome já usado em Joaçaba: *UDN em Foco*. Quem escolheu o nome foi Walter, mas Adolfo achava meio "cafona". O programa era

No Palácio da Agrônômica, Adolfo Zigelli (e) e seu mestre Jaime Arruda Ramos (de óculos), com militantes da UDN. (Arquivo de Marisa Ramos)





declaradamente parcial. Falava bem do Governador e da UDN e esculachava o partido adversário.

No primeiro bloco, um noticiário sobre as obras e ações realizadas no Governo Jorge Lacerda. No segundo bloco, o comentário político, na maioria das vezes, em resposta às críticas feitas ao Governador. O comentário era redigido pelo jornalista Jaime de Arruda Ramos que, apesar de ter o mesmo sobrenome dos líderes do PSD, era udenista. Ele foi o grande mestre de Adolfo no jornalismo e na política. Jaime não admitia que ninguém, a não ser Adolfo, lesse seu texto diante dos microfones. Dizia que o jovem jornalista "lia como se ele mesmo tivesse escrito". O programa ia ao ar todos os dias às 12:30h, horário de maior audiência na Rádio Diário da Manhã, ouvida em todo o estado, em parte do Paraná e do Rio Grande do Sul.

A Diário da Manhã, criada em 1955, pertencia à família Konder Bornhausen, que liderava a UDN em Santa Catarina, enquanto o PSD tinha à frente a família Ramos. A emissora do PSD era a rádio Guarujá, criada antes da Diário da Manhã. Ambas transmitiam em ondas Médias e Curtas.

Na década de 50 uma emissora de rádio era poderosa arma política. Em Santa Catarina, a imprensa assumia uma posição partidária e trabalhava em seu favor. Era UDN ou PSD. Bornhausen ou Ramos. Lira Tênis Clube, ou Clube Doze de Agosto. Diário da Manhã ou Guarujá.

Em pouco tempo, a Diário da Manhã transformou-se no maior veículo radiofônico de Santa Catarina, principalmente na área de entretenimento, afirma Ricardo Medeiros, no livro *A história do rádio em Santa Catarina*. Seus programas de auditório e radionovelas fizeram sucesso nas décadas de 50 e 60. A estrutura montada atingiu alto padrão técnico e possibilitou a revelação de grandes talentos da música. A Diário da Manhã montou um elenco de cantores, apresentadores, atores, músicos e locutores de causar inveja a qualquer outra emissora de rádio daqueles anos.

O jornalismo não teve, no início das transmissões, um grande espaço. Resumia-se às transmissões esportivas e aos programas com notícias cap-



Antunes Severo (e) e Adolfo Zigelli, no palco-auditório da rádio Diário da Manhã, em 1958. (Arquivo de Antunes Severo)

tadas dos principais jornais e emissoras de rádio nacionais. Os programas *Figueiras Informa* e *Correspondente Renner* também iam ao ar na voz de Adolfo. Mas o noticiário de maior audiência era o informativo político produzido pelo Palácio do Governo. Foi através desse programa que Adolfo começou uma verdadeira revolução no radiojornalismo catarinense.

Ele contou para Walter que achava que *O Governo do Estado em Foco* estava se tornando oficialista demais, uma espécie de Diário Oficial. Fez algumas alterações e passou a chamá-lo de *A Marcha dos Acontecimentos*. O horário era o mesmo, 12:30h, mas Adolfo reservou um bloco do programa, antes essencialmente político, para outras notícias nacionais, estaduais e regionais. Jaime de Arruda Ramos sempre teve o espaço para seu comentário, mas alguns anos mais tarde resolveu abandonar a política e, com isso, também o programa. Alguém tinha que continuar defendendo os ideais udenistas. Adolfo assumiu o lugar de seu mestre.



Adolfo (e) e Antunes, no estúdio da rádio Diário da Manhã, em 1958. (Arquivo de Antunes Severo)

ante dos fatos gerados pelo golpe militar, o partido se posicionou a favor da "manutenção da ordem, da moralidade pública e do controle sobre o fantasma do perigo comunista", apontado pelas forças armadas. Apoiar o nascente regime autoritário não agradava Adolfo, Walter e outros correligionários.

Em 26 de outubro de 1965, o governo federal baixou o Ato Institucional nº2 que extinguiu os 13 partidos políticos existentes. Era o fim do PSD e da UDN. Através do Ato Complementar nº4, de 20 de novembro do mesmo ano, o Governo passava ao Congresso a missão de reorganizar a ação partidária no país. Surgiu o bipartidarismo, que tinha como objetivo a divisão das forças políticas para garantir uma grande base de apoio ao Poder Executivo.

*A Marcha dos Acontecimentos* teve repercussão em todo o estado e continuou no ar mesmo depois da morte do governador Jorge Lacerda, em 1958. Adolfo conquistava cada vez mais espaço e credibilidade no meio jornalístico com os noticiários que comandava. Tornou-se responsável pela Divisão de Radiojornalismo da Diário da Manhã.

O programa continuou defendendo a UDN até 1964, quando di-





O partido de apoio ao Governo era a Aliança Renovadora Nacional (ARENA). Fundado pela maioria dos membros do Congresso Nacional, simpáticos aos militares, o partido já nasceu muito forte. Do outro lado, surgia o Movimento Democrático Brasileiro (MDB): uma frente de oposição, em favor do sistema multipartidário e do Estado de Direito.

No plano nacional, o MDB foi formado basicamente pelo PSD e o PTB. Em Santa Catarina, alguns udenistas também participaram da criação do partido de oposição e, por influência de Walter Zigelli, Adolfo estava entre eles. Além de ficar ao lado irmão, optou pelo MDB porque os colegas da UDN de Joaçaba, liderados por Brasília Celestino de Oliveira também discordaram dos rumos que a revolução tomava.

Apesar de filiado ao MDB, o jornalista passou pelo período da ditadura militar sem maiores problemas. A imprensa catarinense trabalhava principalmente com informações políticas locais, fora das listas de assuntos nacionais e internacionais cuja divulgação estava proibida. Obviamente Adolfo não falava, nem escrevia tudo que pretendia, mas com muita habilidade conseguiu manter todos os seus programas, conquistando cada vez mais credibilidade junto aos ouvintes.

Adolfo coloca uma medalha em Jaime Arruda Ramos, durante homenagem prestada pela Casa do Jornalista, na década de 70. (Arquivo de Marisa Ramos)

## RADIOJORNALISMO DE VANGUARDA

Enquanto Walter dedicava-se à carreira política, Adolfo mantinha-se no jornalismo. Aos poucos, foi desligando-se do jornalismo partidário, mas não mudou sua ideologia política, apenas passou a praticar um jornalismo “desvinculado e distante de todos os sectarismos de natureza política, ideológica ou religiosa”, como afirmou certa vez.

Em 1967, quando não tinha mais ligação com o Palácio do Governo, substituiu *A Marcha dos Acontecimentos* pelo *Vanguarda*, programa que foi considerado um marco para o radiojornalismo catarinense. Ele mesmo afirmou, tempos depois, que a iniciativa foi “uma mudança radical no jornalismo de Santa Catarina”. Com esse programa, conquistava a sua independência jornalística e passava a escrever de forma descomprometida.

O bom humor foi a característica mais marcante do programa, que seguia uma linha parecida com a do Pasquim, apesar de ter surgido antes. Fazia críticas de forma irônica e engraçada. Adolfo criava personagens e quem os interpretava era José Valério, locutor que apresentava o programa com ele e atuava em radionovelas. Na hora do almoço, quando os dois entravam no ar, todo o estado parava para ouvir as notícias e comentários transmitidos com bom humor, mas também com muita seriedade. Notícias que informavam e divertiam ao mesmo tempo.

Em uma ocasião, a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) realizou a Feira de Amostras da Indústria e Comércio (Fainco) no edifício em construção que, depois de pronto, abrigaria a Assembléia Legislativa. Como era um evento para mostrar novidades inventaram um robô que falava. Era uma espécie de armadura de metal, com uma pessoa dentro, que se movimentava e “falava” através de uma caixa de som, mas que deu certo: reuniu muitos curiosos e a feira foi um sucesso. Adolfo inventou logo, no *Vanguarda*, o “Robô Venâncio”. José Valério gravou a fala da tal novidade tecnológica e Cláudio Alvim Barbosa (Zininho), que trabalhava

como técnico d  
Os perso  
momento: bas  
nova figura p  
de maior des  
mas vespert  
nos program  
fim de semar  
de trejeitos,  
uma voz tão

Em alg  
demoravan  
vários pers  
do e o Leo  
Em u  
vam sobre  
lhes das r  
nada. Ao  
cena:

Ado  
Val  
Ap  
guarda,  
temper  
alguma  
O  
Adolfo  
objetiv  
politic  
seria  
cheg  
por c  
dia 1

como técnico de som, colocou efeitos para caracterizar como "voz de robô".

Os personagens, conta José Valério, eram criados de acordo com o momento: bastava aparecer uma novidade para que Adolfo criasse uma nova figura para o programa. Na década de 70 um dos colunistas sociais de maior destaque era Celso Pamplona, que também aparecia em programas vespertinos da recém lançada TV Cultura, canal 6. Adolfo introduziu, nos programas de sexta-feira, uma espécie de agenda cultural e social do fim de semana apresentada por "Clodô Pitanga", um colunista social cheio de trejeitos, também interpretado por José Valério. Ele garante que fazia uma voz tão afeminada "que nem a minha mulher reconhecia".

Em algumas ocasiões o texto era tão engraçado que as gravações demoravam para terminar. Alguém sempre ria fora de hora. Adolfo criou vários personagens: o Manezinho, o Negão do Morro e a dupla Leopoldo e o Leonardo, todos faziam grande sucesso entre os ouvintes.

Em um programa no período de carnaval, Adolfo e José Valério falavam sobre as fantasias que concorreriam naquele ano. Explicavam detalhes das roupas, bordadas com strass e paetês, fazendo uma voz afeminada. Ao final da apresentação, a dupla Leopoldo e Leonardo entrou em cena:

*Adolfo: E você Leopoldo, como é que vai?*

*Valério: De Mariposa do Aterro, Leonardo, Mariposa do Aterro.*

Apesar de colocar muito humor nos textos que redigia para o *Vanguarda*, Adolfo não era um exemplo de pessoa bem humorada. Tinha um temperamento explosivo e se irritava facilmente, principalmente quando alguma coisa relativa ao programa dava errado.

O *Vanguarda* enfocava temas políticos como notícia e como opinião. Adolfo sabia que era difícil agradar a todos, e esse não era mesmo seu objetivo. Uma parte especial do programa causava pânico geral entre os políticos. Todos ficavam atentos ao *Informe Confidencial* para ouvir qual seria a "notícia bomba" do encerramento do programa. Algumas vezes chegou a comentar com José Valério que poderia perder seu emprego por causa dessas alfinetadas finais. Eram comentários como este, feito no dia 19 de outubro de 1971:

*"Informe confidencial:*

*Para que se tenha uma idéia de como estamos lutando pela refinaria, basta informar que na Sessão Especial da Assembléia em que o presidente do Conselho Nacional do Petróleo, General Araquém Oliveira fez uma palestra e se colocou a disposição da*



*Assembléia para o debate do assunto, estavam presentes no plenário oito deputados. A Sessão foi improvisadamente convocada às pressas para as vinte horas e para preencher o plenário vazio encontrou-se uma solução: foram convocados alguns assistentes."*

A acelerada urbanização de Florianópolis era um assunto que incomodava o jornalista e estava sempre entre suas críticas:

*"Na praia do Bom Abrigo há também aquele canto agradável, cheio de pedras e de gramas, além de árvores. Pois o canto este tinha, porque não tem mais, alguém está cercado aquele recanto com um muro. Para usar uma expressão vulgar, mas facilmente assimilável, estão querendo acabar a pau com Florianópolis. E esses candidatos que se insultam mutuamente pela televisão, não poderiam os seus espaços para protestar contra mais esse crime que se executa contra as nossas indefesas belezas naturais? Nem as praias escapam dessa sofreguidão imobiliária. Aliás, nem vale a pena falar sério, e burro é quem ainda se incomoda com essas coisas. O bom mesmo é comprar um terninho de meia confecção, assumir ares de intelectual aborrecido, e entrar no vaidavalsa da Ilha. Palmas pra todo mundo, salve-salve, muito bem. Ainda tem o Mercado Público para derrubar e a Praça XV para lotear. Depois, bem, depois é pedir uma cuba libre, chamar o Waldik Soriano e cantar sobre as cinzas da cidade."*

As pautas para o *Vanguarda* eram discutidas no Meu Cantinho, um restaurante na Rua Conselheiro Mafra que Adolfo gostava de frequentar, principalmente porque pertencia a um grande amigo: Dorival da Silva Lino. A entrada do restaurante era uma espécie de bar. Uma porta levava a outro ambiente, onde ficava a churrasqueira. Era lá que se reuniam jornalistas, políticos, funcionários públicos, artistas e intelectuais para discutir assuntos de interesse da cidade. Churrascos, o próprio Adolfo se encarregava de preparar. Era o método usado para conseguir notícias em primeira mão. Tinha carisma e isso o ajudava a conquistar amigos em todos os cantos e de todas as classes.

A rotina de trabalho na *Diário da Manhã* era intensa, lembra o colega radialista Antunes Severo. Adolfo chegava pela manhã, em torno de 7:30h para a apresentação da primeira edição do *Correspondente Renner*, às 7:55h. As notícias eram recebidas por teletipo das principais agências noticiosas internacionais. Ele juntava essas informações às que, como de costume, já tinha deixado prontas na noite anterior. Enquanto Adolfo



estava no ar, Lauro Soncini fazia rádio-escuta do *Repórter Esso*, transmitido no mesmo horário. Se houvesse alguma notícia importante, ele transcrevia e Adolfo usava para o encerramento do noticiário local.

Entre o *Correspondente Renner* da manhã e o *Vanguarda*, ele tinha três horas e meia. Nesse tempo, lia os principais jornais até 11 horas e começava a redigir o *Vanguarda*, sempre manuscrito. O programa era gravado momentos antes de ser transmitido, mas, muitas vezes, ficava pronto tão em cima da hora que era lido ao vivo. Quando acabava, às 12:50h, ele preparava-se para a locução da segunda edição do *Repórter Renner*, às 12:55h.

O Bar do Felinto ficava no térreo do prédio ao lado Diário da Manhã, na Praça XV de Novembro e era para lá que Adolfo ia quando saía da rádio. Assim como o Meu Cantinho, o Bar do Felinto era um ambiente muito eclético. Raul Caldas Filho conta que antes do almoço, músicos, cantores e radialistas desciam da rádio e ficavam tomando cachaça com losna e muita cerveja como aperitivo. Mais tarde, chegavam os ministros do Tribunal de Contas e deputados.

As tardes do jornalista eram livres. Adolfo só voltava para a terceira edição do *Correspondente Renner*, que ia ao ar às 18:55h.

A criatividade e a inteligência ajudavam muito quando era preciso improvisar, em coberturas ao vivo. No carnaval de 1970, depois de tudo pronto para uma transmissão ao vivo do desfile das escolas de samba, na Praça XV, uma chuva forte impediu a realização do evento. As pautas de Adolfo foram por água a baixo. Mas ele não deixou por menos. A Diário da Manhã já tinha vendido as cotas de patrocínio e Adolfo ficou no ar ao vivo até a meia-noite. Entrevistou representantes das escolas de samba, colocou no ar o prefeito da época para falar sobre o cancelamento dos desfiles. O principal assunto da noite foram as condições climáticas da Capital e o estrago que a chuva tinha feito no carnaval daquele ano, afirma Moacir Pereira, na época um jovem repórter.

Destemido, no melhor estilo que a televisão muitos anos depois consagraria, Adolfo arriscou a vida para a transmissão de um número de equilíbrio. Dois rapazes e uma moça atravessariam de motocicleta um cabo estendido do Hotel La Porta, hoje demolido, até o Banco Nacional do Comércio (hoje Meridional), sobre a praça Fernando Machado. Amarrado à motocicleta durante todo o percurso, transmitiu cada detalhe da travessia. A sua maior preocupação, disse a Raul Caldas Filho, que o entrevistou em 1975, era com o equipamento, porque nunca tinha usado microfone volante antes.

Em 1º de setembro de 1969 foi instalada em Blumenau a primeira emissora de televisão de Santa Catarina, a TV Coligadas, canal 3. Ela permitiu que o telespectador catarinense vibrasse com o futebol da seleção brasileira no Mundial do México, em 1970. Uma rede de 45 repetidoras foi montada, ampliando a área de cobertura da TV para além do Vale do Itajaí.

A maioria dos profissionais contratados vinha do rádio. Os mais requisitados eram os que já apresentavam algum programa de auditório. No início, a linguagem da Coligadas era muito parecida com a do rádio. Aos poucos, foram surgindo programas como o *Mulheres em Vanguarda*, um programa dedicado ao público feminino, onde eram discutidos temas como beleza, saúde e culinária.

O jornalismo tinha grande importância na programação da Coligadas. Eram 48 minutos de informação diária, transmitidos através de programas como o *Telejornal Malhas Hering*, *Repórter Garcia* e *Santa Catarina 2 Minutos*. José Reinoldo Rosembrock, Carlos Braga, Jessor Jossi, Enir Cecconi, José Schreiber e o colunista social Carlos Müller formavam a Divisão de Telejornalismo. Apesar de não fazer parte dessa equipe, Adolfo também participou da programação da Coligadas entre os anos de 1971 e 1972. Comandava um programa de entrevistas chamado *Ponto por Ponto*. Todas as sextas-feiras, o jornalista saía de Florianópolis em seu Corcel GT com destino a Blumenau para apresentar o programa que ia ao ar às 20h. Autoridades catarinenses e nacionais de diferentes áreas conversaram ao vivo com Adolfo. Ulisses Guimarães, Franco Montoro e Pedroso Horta foram algumas das personalidades que estiveram no *Ponto por Ponto*.

Com o mesmo nome do programa de TV, ele manteve durante quatro anos uma coluna no *Jornal de Santa Catarina*, de Blumenau. Desde a fundação do jornal, em 1971, até 1975, quando assumiu um cargo público, Adolfo publicou diariamente as críticas que por muitas vezes foram também ao ar no programa *Vanguarda*.

## DE VOLTA PARA A POLÍTICA

Foi através da política que ele entrou para o rádio. Foi falando dela que passou a escrever nos jornais. Foi o convívio com pessoas do meio, como Jaime de Arruda Ramos e até mesmo seu irmão Walter, que o levou a tentar um envolvimento ainda mais forte com a política. Em 1970, mesmo ano em que se formou em Direito pela Universidade Federal de Santa Catarina, foi candidato a deputado estadual pelo MDB, mas não obteve muito sucesso nas urnas depois de uma campanha de apenas um mês. Percebeu que a única maneira de falar sobre política era estando fora dela. Dedicou-se exclusivamente ao jornalismo, até o surgimento de um convite que mudaria radicalmente sua vida.

Quando trabalhou no governo udenista de Jorge Lacerda, Adolfo conheceu as mais importantes figuras políticas do partido, como Antônio Carlos Konder Reis, na época, deputado federal. Pertencente à família que liderava a UDN em Santa Catarina, Konder Reis assumiu cargos políticos que o destacaram nacionalmente. Em 1958, foi eleito deputado federal. Em 1962, senador eleito pelo voto direto. Relator geral da Constituição de 1967. Em 1970, já pela ARENA, elegeu-se novamente senador da República. Mas foi a eleição de 1974 que o aproximou de Adolfo outra vez. Konder Reis foi eleito pelos parlamentares da Assembléia Legislativa, governador de Santa Catarina.

Na época, Adolfo era filiado ao MDB, mas não militava. Por causa dos programas na rádio, na TV e do espaço que tinha nos jornais, era o jornalista que todo político gostaria de ter a seu favor. O novo governador parecia querer a imprensa ao seu lado. O anúncio do colegiado foi feito durante uma solenidade na Casa do Jornalista e entre os nomes escolhidos estavam o jornalista Salomão Ribas Júnior, para a Secretaria de Educação e o jornalista Paulo da Costa Ramos, para a Casa Civil.

Adolfo Zigelli também estava nos planos do governador. Para ele foi criada a Secretaria de Imprensa, novidade em Santa Catarina e no





Adolfo Zigelli, em 1975, Secretário de Imprensa do governo Antônio Carlos Konder Reis. (Arquivo de Antunes Severo)

Brasil. Uma Secretaria de Estado não era um cargo qualquer, era o reconhecimento de um trabalho desenvolvido durante anos de sua vida. Entre a data do convite e a posse passaram-se três meses. Adolfo refletiu muito sobre a idéia. Ficou um tempo na casa de Walter, que na época era juiz em Orleans, consultou amigos, a namorada e decidiu assumir a secretaria. A decisão levou-o também a abandonar todos os vínculos com a imprensa. Em um comentário emocionado, transmitido no dia 29 de maio de 1975, durante o programa *Vanguarda*, ele despedia-se dos ouvintes, mostrando com que objetivo assumia o cargo no governo Konder Reis.

*"(...) O grau de credibilidade de um jornalista está na razão direta de sua independência em relação às forças de pressão que atuam na sociedade (...). Não foi uma decisão fácil. Neste precioso momento, em que escrevo o que, talvez, possa representar a minha incursão no jornalismo diário e rigorosamente profissional, sinto-me um peixe fora d'água. Não se jogam vinte anos de hábitos pela janela e – acreditem – é muito penoso depor as armas que empunhei, mal ou bem, durante tanto tempo (...) Com um pouco de angústia, até breve."*

Em 2 de junho de 1975, Adolfo Zigelli assumiu a Secretaria de Imprensa. Para trabalhar como chefe de gabinete convocou seu colega e amigo Antunes Severo, que havia abandonado o rádio para se dedicar exclusivamente à agência de publicidade que tinha criado. Em uma conversa no Meu Cantinho, Adolfo mostrou o quanto confiava no amigo e, sem dar chance para uma resposta negativa, disse que ele seria o responsável pela montagem da secretaria.

Antunes montou uma estrutura pequena, com poucos funcionários: apenas dois repórteres e dois fotógrafos. A nova secretaria era uma espécie de assessoria de imprensa melhorada. Tinha à sua frente uma pessoa com poder de decisão e de grande influência com o governador. Durante o tempo em que atuou como secretário, a maior dificuldade de Adolfo foi

defender o governo Konder Reis das acusações da imprensa.

Um detalhe incomodava o Secretário: usar terno e gravata era um sacrifício para ele, que sempre preferiu roupas confortáveis. Calça jeans, camiseta e jaqueta eram o estilo Adolfo Zigelli. Seus amigos, colegas e familiares sabiam que a postura oficial que tinha sido obrigado a assumir o sufocava. Aquele engravatado não era o verdadeiro Adolfo.

Mal teve tempo de organizar sua secretaria e foi convidado para receber uma homenagem em sua cidade natal. Joaçaba estava comemorando, em 1975, 58 anos de fundação e o Rotary Clube organizou um evento que premiaria algumas autoridades regionais. O Secretário da Fazenda da época, Ivan Bonato, conta que Adolfo não queria chegar à cidade de mãos abanando e pediu permissão ao governador para entregar, durante a visita, a ordem de serviço para as obras do acesso da cidade à BR-282. A decisão favorável de Konder Reis teve o apoio do então secretário dos Transportes, Nicolau Fernando Malburg.

## OS AMIGOS E A BOEMIA

No mesmo ano em que Adolfo e Walter chegaram a Florianópolis (1956) chegaram também, vindos de Curitiba, o gaúcho Antunes Severo e o paranaense Edwin Scott Dalster. Na Rádio Diário da Manhã, Antunes trabalhava como locutor comercial, aquele que lia as propagandas nos intervalos dos programas e Edwin como técnico de som.

Walter, Adolfo, Edwin e Antunes ficaram amigos assim que trocaram algumas idéias e, como diz Antunes, “tomaram um trago” juntos. Os quatro foram morar num apartamento na esquina da Rua Conselheiro Mafra com Jerônimo Coelho, no centro da cidade. Alfredo Silva, também locutor da Diário da Manhã foi morar com eles.

O apartamento era um quarto grande, sem divisórias. Todos trabalhavam, passavam o dia fora e só voltavam na hora de dormir. Para chegar até o quarto dos “Irmãos Coragem”, como se intitulavam, bastava subir a escada ao lado do Bar Universal – que acabou transformando-se na última parada antes de dormir, para tomar leite com conhaque e co-



Adolfo, de lança-  
perfume na mão e  
Antunes, no  
Carnaval de 1958.  
(Arquivo de Antunes  
Severo)

motorista que também estava no bar não "foi com a cara" dos jovens radialistas. Houve uma rápida troca de palavras e o motorista foi embora. Em poucos minutos voltou acompanhado de outros colegas e chamou os rapazes para a briga. Não foi preciso chamar Antunes e Edwin duas vezes, eles aceitaram o desafio e a confusão começou. Adolfo, que não gostava de briga, ficou só assistindo. No outro dia, os prejuízos causados pela luta eram visíveis.

Apesar de ter amigos encenqueiros, Adolfo nunca os abandonava. Certa noite, os três estavam caminhando na Avenida Mauro Ramos, no centro de Florianópolis, próximos à rodoviária da época, na esquina com a Hercílio Luz. Lá havia uns barzinhos que ficavam abertos até tarde e Antunes, já um pouco alterado depois de algumas doses de bebida, resolveu quebrar um pote de vidro. É claro que o dono do bar não gostou e chamou a polícia. Resultado: todos presos. Quando chegaram na delegacia, o delegado não se surpreendeu: "Vocês novamente aqui?". Como a confusão não tinha sido séria, mandou soltar mais uma vez os "Irmãos Coragem".

Durante um carnaval, quando Walter, Adolfo e Antunes faziam a cobertura jornalística para a Diário da Manhã no Lira Tênis Clube, o gaúcho simplesmente desapareceu. No outro dia, Antunes ligou para Adolfo, pedindo uma quantia em dinheiro para que pudesse retornar a Florianópolis, já que tinha saído do clube e embarcado no primeiro ônibus com destino a Curitiba. Adolfo ajudou, como sempre fazia. Mas Laerte Ramos, dire-

mer um bife acebolado.

O líder do grupo, sempre que fosse necessário tomar alguma decisão, era Adolfo. Walter, apesar de ser mais velho, era o mais recatado. O relacionamento entre os cinco jovens era cordial, dificilmente brigavam. Quando Adolfo não gostava de alguma coisa, fechava a cara e não tinha quem falasse com ele. Por ficar o dia inteiro sem falar, nunca havia bate-boca.

Uma vez, os três estavam no Bar Universal e um



tor da rádio, não desculpou a molecagem e demitiu Antunes.

A Diário da Manhã ocupava os dois andares superiores de um prédio localizado na Praça XV de Novembro (onde hoje é o Bradesco). Quando soube da notícia, Adolfo chamou Antunes para um passeio em torno da praça. Foram voltas e mais voltas até que o rapaz contasse o motivo de uma viagem aparentemente sem sentido e que o fez faltar ao trabalho. Era a bebedeira, somada à saudade de uma namoradinha.

Depois de entender o que tinha acontecido com o amigo, Adolfo conversou com Laerte Ramos e conseguiu que o locutor fosse readmitido. Ninguém sabe o que ele disse ao diretor, mas a demissão não durou nem um dia.

Como naquela época ainda não existia televisão, os profissionais do rádio eram os galãs. Cinco profissionais de rádio morando em um mesmo apartamento então, era uma sensação entre as mulheres. Cada um tinha seu fã clube. Bastava encerrar o programa para o telefone da rádio começar a tocar à procura do último locutor. Edwin, por trabalhar na parte técnica, não era tão procurado. Adolfo, Antunes e Alfredo, eram assediadíssimos.

A união dos cinco amigos durou cerca de três anos. Com o tempo surgiram casamentos, namoros e outras profissões.

Em 1960 Adolfo, com 24 anos, já estava bem estabelecido em Flornópolis e sua situação financeira permitia que alugasse um apartamento para morar sozinho, perto da Av. Hercílio Luz. Radialista conhecido, tinha muitos amigos e naquele ano conheceria duas moças que formariam, com ele, o inseparável "Trio Irakitan", como o próprio Adolfo os apelidou.

Da esquerda para a direita, Lauro Soncini, Adolfo, Maria Helena, Edwin e Antunes (Arquivo Antunes Severo)





Na coxia do Teatro Álvaro de Carvalho, os irmãos Zigelli (de ternos escuros), em 1958. (Arquivo Antunes Severo)

Vânia Moritz, uma menina de 13 anos, passava alguns dias com a família, na ilha do Campeche. Naquele ano, ela levou junto Ita Tolentino, alguns anos mais velha. Apesar da diferença de idade, as duas eram muito amigas. Adolfo encontrou-as na ilha. Todos os visitantes ficavam na única casa do local. Os quartos eram reservados para as mulheres e os homens dormiam no salão.

Os jovens Adolfo, Ita e Vânia começaram a conversar e tornaram-se amigos. Passaram o final de semana inteiro juntos iniciando uma relação que duraria mais de dez anos.

Adolfo almoçava quase todos os dias na casa de sua irmã, Gertrudes. Ela morava na rua General Bittencourt, próximo ao apartamento dele. Um dia, descobriu que Vânia, a menina que conheceu na praia, morava numa rua paralela. A residência da família dela passou então a ser parada obrigatória no roteiro de Adolfo. Às vezes, passava apenas para deixar um livro para a amiga.

Ita fazia aniversário um dia antes de Adolfo. Todos os anos, na manhã do dia 11 de março, ela recebia um buquê de flores com um cartão assinado por ele: "Agora vão as flores, à noite vão o abraço e o beijo". Entre 21:30h e 22h, Adolfo, acompanhado de Vânia, ia até a casa de Ita. De lá, iam para algum restaurante comemorar o final do aniversário dela e o começo do dele.

O restaurante que mais freqüentavam era o Manolo's, na Rua Pedro Ivo, centro de Florianópolis. Chegando lá, ele pedia champanhe para brin-

clarem o aniversário da amiga. À meia-noite, as comemorações eram para ele e, depois de outro brinde, jantavam. Ele levava as moças para casa por volta das 2h e continuava a festa em algum outro lugar. Essas comemorações e o convívio do "Trio Irakitan" duraram cerca de doze anos.

Independência foi a palavra-chave da vida de Zigelli na Capital. Independência profissional, que conquistou ao longo dos anos de trabalho e independência pessoal, levando uma vida de solteiro, sem compromisso com esposa, filhos ou parentes. Gostava muito da noite e das festas com os amigos.

## POR UM TRIZ

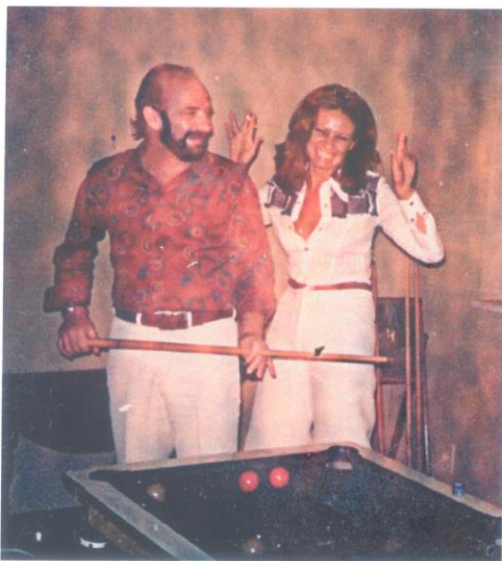
Adolfo levava uma vida comum a muitos radialistas e jornalistas: bebia, fumava, não tinha horário para comer nem para dormir. Nunca constituiu família e não teve filhos, mas o apego pelos sobrinhos parecia revelar uma vontade ainda não realizada.

Quando se mudou para Florianópolis, Gertrudes foi morar em um pensionato na Rua Esteves Júnior. Professora quando morava em Joaçaba, no novo lar ajudava as freiras nas atividades diárias. Foi lá que conheceu Walmor Garcia. Ele acompanhava um amigo que tinha namorada na pensão. Gertrudes e Walmor casaram-se e tiveram três filhos: Olga, Pedro e Andréa.

Esta foto foi tirada por Adolfo Ziguelli, em 1975, durante um passeio da família a Orleans, onde Walter morava. Ao fundo, no centro, Gertrudes e seu marido, Walmor Garcia. À frente, Marisa Ramos, seu filho Maurício e Alba, esposa de Walter. (Arquivo de Marisa Ramos)







Adolfo e a namorada, Marisa, em março de 1975. (Arquivo de Marisa Ramos)

Sua influência na educação de Olga, Pedro e Andréa é reconhecida pelos três. Incentivava as crianças a lerem os livros que considerava clássicos. Olga, a sobrinha mais velha, costumava ler fotonovelas. Hábito que desagradava o tio. Ele dizia que a sobrinha jamais criaria gosto pela leitura enquanto associasse o texto à imagem. Mais recomendável, segundo ele, era exercitar a imaginação. Passou a exigir a leitura de uns romances de bolso que tinha. Toda a semana, levava um novo livro para Olga e depois pedia que ela lhe contasse a história. Os autores eram escolhidos de acordo com a idade das crianças. Deu *Crime e Castigo*, de Dostoyewski, para Olga quando ela fez 15 anos e para Pedro, alguns anos mais jovem, *Fernão Capello Gaivota*, de Richard Bach.

Ao mesmo tempo que era exigente e conservador na educação dos sobrinhos, era também o tio festeiro e brincalhão com quem gostavam de conversar e sair para passear nos finais de semana. Adolfo comprou um jipe velho que chamava de *Sargento*. Segundo ele, uma relíquia da Segunda Guerra Mundial. Era com esse carro que levava as crianças para dar umas voltas.

Em 1972, Adolfo comprou uma lancha que batizou de *Andréa Z*, nome da sobrinha mais jovem. Mas o principal companheiro nos passeios pelo mar era Pedro. Quando o sobrinho não estava junto, mulheres e bebidas lhe faziam companhia a bordo da *Andréa Z*. Outros amigos de Adolfo

Walter também tratou de formar família. Casou com Alba Franzoni, com quem teve dois filhos, Carlos Guilherme e Ana Maria. Em 1959, o casal mudou-se para Joaçaba, onde Walter foi eleito vereador.

Enquanto Walter estava distante, Adolfo participava do ambiente familiar na casa de Gertrudes. Era lá que almoçava quase todos os dias, mesmo depois de alugar seu apartamento, onde ia apenas para dormir. Participava das decisões da casa e com os sobrinhos desempenhava o papel de segundo pai. Walmor era médico e passava muito tempo fora de casa, ao contrário do tio, que as crianças viam todos os dias.

também tinham lanchas e, muitas vezes, todos se reuniam para passar o final de semana em alguma praia deserta.

Adolfo bebia bastante e com freqüência. Mas apesar do costume, ninguém lembra de tê-lo visto bêbado. Tomava com calma, em pequenas quantidades e nunca perdia a noção do quanto já havia bebido. Mas em noites de festa, uma garrafa de uísque acabava rapidamente.

Até os 37 anos, o cigarro foi outro companheiro inseparável de Adolfo. Com essa idade, descobriu que tinha problemas cardíacos. Estava próximo do infarto quando foi a São Paulo, em 1973, fazer implante de uma válvula cardíaca. Walter, que estava trabalhando em Trombudo Central acompanhou o irmão. Durante a recuperação ficou hospedado na casa de Gertrudes.

Depois da cirurgia, tentou mudar o estilo de vida, ser mais regrado e preocupado com a saúde: sem beber, sem fumar e sem fazer festas. Mas a nova vida durou apenas três meses. Depois desse tempo, voltou a fazer as coisas de que gostava.

Esse foi um dos motivos que fez a família do jornalista se opor ao namoro de Adolfo com Marisa Ramos, também jornalista. Muito parecida com ele, fumavam e bebiam juntos. Walter e Gertrudes achavam que ela não era cuidadosa com uma pessoa que tinha passado por uma cirurgia cardíaca.

Em um final de semana, quando a família estava reunida em Canasvieiras, na casa de praia de Gertrudes, Adolfo e Marisa foram de jipe passear com as crianças. Ele ainda estava se recuperando da cirurgia e não podia fazer nenhum tipo de esforço. Saíram por volta das 16h, sem dizer para onde iam. Quando escureceu, Walter e Gertrudes começaram a ficar preocupados com a demora e foram procurá-los. No começo da década de 70, Canasvieiras não era tão habitada e urbanizada

Da esquerda para a direita, em pé: Alba, Carlos Guilherme, amiga da família, Walter, Andrea e Pedro. Sentados: Maurício, Ana Maria, Gertrudes, com Olga à sua frente, Marisa e, na sombra, Adolfo. Na casa de Walter, em Orleans, 1975. (Arquivo de Marisa Ramos)





Raul Caldas Filho (e) entrevista Adolfo no restaurante Tritão, em Coqueiros, junho de 1975. (Arquivo de Marisa Ramos)

lista Raul Caldas Filho, afirmou ter sobrevivido por pouco: "Quando a morte estava me espiando no corredor, olhei pra ela, não gostei e fechei a cara. Ela saiu correndo".

Era com bom humor que tratava do assunto, mas o medo era visível. Certa vez, pediu a Zininho (Cláudio Alvim Barbosa, técnico de som da *Diário da Manhã*, autor do *Rancho de Amor à Ilha*, hino de Florianópolis) que ficasse com uma cópia da chave do seu apartamento. Zininho estranhou a atitude do amigo. Adolfo justificou dizendo que morava sozinho e que se desaparecesse por mais de três dias, Zininho deveria procurá-lo em casa, porque algo de ruim teria acontecido.

Depois de sua morte, a família teria encontrado em seu apartamento três bilhetes rascunhados em um pequeno bloco. Um deles, endereçado aos leitores da coluna que assinava no *Jornal de Santa Catarina*, nunca foi publicado. Outro, escrito para a família, agradecia à irmã Gertrudes e pedia desculpas por alguma coisa que tivesse feito de errado. O terceiro foi dedicado àquela que, segundo escreveu, foi o grande amor de sua vida.

quanto hoje. Num canto isolado do bairro, o jipe havia enguiçado. Quando Walter e Gertrudes os encontraram, Adolfo estava empurrando o jipe. Esse incidente gerou uma discussão que levou-o a isolar-se da família por pelo menos uma semana.

A cirurgia no coração despertou em Adolfo uma espécie de temor à morte. Em uma entrevista ao jorna-



## O GRANDE AMOR

Em 1970 Darcy Lopes e um grupo de empresários da capital instalou a primeira emissora de televisão em Florianópolis, a TV Cultura. Entre os convidados a participar da programação estava Marisa Ramos, filha do jornalista Jaime de Arruda Ramos. Marisa acabara de retornar a Florianópolis depois de dez anos morando no Rio de Janeiro. Como a TV era novidade em Santa Catarina, ainda não havia profissionais preparados para atuar diante das câmeras. Quem estava participando aprendia a fazer ao vivo.

Muito bonita e elegante, Marisa trabalhou como modelo de alta costura no Rio de Janeiro, de onde trouxe na bagagem, além da experiência, o filho Maurício. Corajosa e audaciosa, sempre chamou a atenção da sociedade florianopolitana. Viajara sozinha, quando as moças de sua idade normalmente estavam sempre acompanhadas da família. Com 16 anos exibiu, pela primeira vez na cidade, um maiô de duas peças, o biquíni. Era muito recatado para os padrões atuais, cheio de babados e com muito pano, mas provocou um alvoroço na Florianópolis provinciana, pouco acostumada a essas "novidades".

A volta de Marisa despertou em Adolfo o interesse que já havia nascido no final da década de 50, quando ele e Walter freqüentavam a casa do pai da moça, no município de São José. Jaime de Arruda Ramos oferecia churrascos para os correligionários e os irmãos Zigelli sempre eram convidados. Muitos anos mais tarde Adolfo contou a Marisa que, naque-



Marisa Ramos, no estúdio da TV Cultura, canal 6, 1970. (Arquivo pessoal)

la época, quando a menina de 13 anos passava correndo e brincando, ele pensava: "Essa é a mulher da minha vida".

Adolfo não teve mais notícias da moça depois que ela se mudou para o Rio de Janeiro. Mesmo depois de muito tempo longe, a paixão dele não havia acabado, mas também não tinha sido revelada. Em um encontro que Marisa teve com Neide Mariarrosa, famosa cantora do rádio catarinense, de quem era amiga há muitos anos, soube do segredo de Adolfo:

- Tem uma pessoa que eu conheço que é apaixonada por ti há muitos anos.

Marisa, descrente, disse:

- História, deve ser tietagem porque eu trabalho na TV.

- Não, é de muito mais tempo

Marisa insistiu:

- Agora que contaste isso, conta tudo.

- Mas é segredo de um amigo meu.

Neide tinha entregado um bombom a Marisa, dizendo ser presente do misterioso admirador. Mas ela aceitaria somente depois que soubesse quem o tinha enviado:

- Se não me interessar, esse segredo morre aqui, jamais te entregarei; mas vai que me interesse?

Quando a cantora revelou que o apaixonado era Adolfo Ziggelli, Marisa respondeu:

- Imagina. Para ele, eu sou a "filha do Seu Jaime". Ele é gentil e carinhoso comigo, mas é porque trabalhou com o meu pai.

- Eu sou confidente e amiga dele há anos. Ele é apaixonado por você.

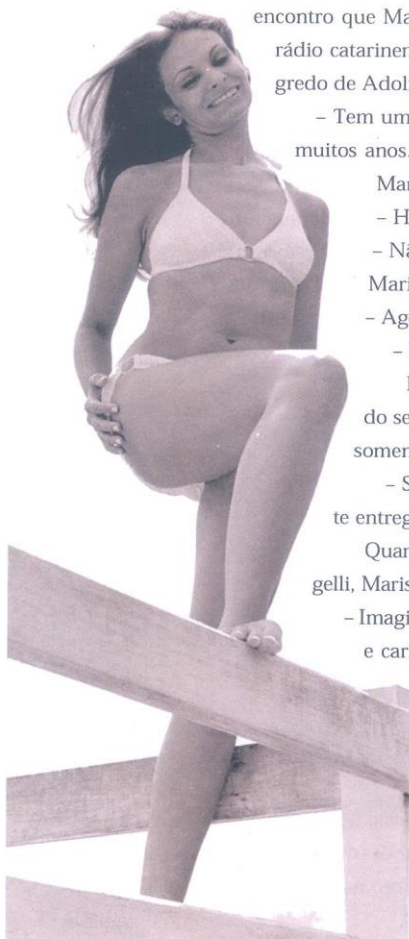
E ficaram discutindo alguns minutos, até que

Marisa duvidou:

- Mas como é que eu não fiquei sabendo dessa história?

- Ele jamais vai te demonstrar.

Pouco tempo depois, Marisa encontrou seu admirador no baile de carnaval Municipal, no Clube Doze de Agosto. Os dois eram jurados do concurso de fantasias. Naquela noite ele chegou atrasado e Marisa, que já sabia do seu segredo, jogou charme na primeira oportunidade que teve.



- Perdi o primeiro desfile - disse ele.

- Confias no meu bom gosto?

E ele respondeu com um galanteio:

- De olhos fechados.

- Então copia a minha nota.

Quando acabou o concurso, foram acompanhar o baile nas mesas que o clube tinha reservado para eles. Por coincidência, a mesa dele era ao lado da dela. Depois de alguns petiscos e uísques, ele a convidou para jantar no restaurante do clube. Assim começava o namoro.

No início foi difícil. Os dois tinham gênios muito fortes e nenhum cedia. Eram consideradas pessoas muito modernas para a época e para a cidade onde viviam. Adolfo foi uma das primeiras pessoas a usar jeans em Florianópolis, tinha um Corcel GT vermelho com toca-fitas e adorava ouvir a banda de Ney Matogrosso, *Secos e Molhados*, que no início da década de 70, revolucionou o país com o estilo exuberante do figurino. Marisa tinha morado sozinha no Rio de Janeiro, o que fazia dela uma mulher independente.

Um dia o casal saiu com alguns amigos para um passeio na lancha de Norberto Silveira de Souza. Saíram da marina do Veleiros da Ilha, na Prainha. Minutos depois da partida, ele pediu para Norberto parar, apontou para uma casa e disse:

- Tá lá a tua casa.

E Marisa, surpresa, respondeu:

- Mas eu não moro ali.

- Marisa, é a nossa casa. Comprei porque nós vamos casar.

Na noite de 29 de agosto de 1975, véspera do acidente de avião, Adolfo convidou alguns amigos para jantar na Lagoa da Conceição, no restaurante Saveiros, da cantora e confidente Neide Mariarrosa. Entre os amigos, além da proprietária do restaurante, a namorada Marisa Ramos e o casal Nivalda e Antunes Severo. Foi uma noite de diversão, muita comida e bebida para comemorar o pedido de casamento. Durante o jantar, Adolfo pediu para Neide Maria repetir por várias vezes a música *Viagem*, de Paulo César Pinheiro e João de Aquino. Ela cantava sempre que o amigo pedia. Era uma das músicas preferidas de Adolfo:

Marisa Ramos foi manequim no Rio de Janeiro e apresentadora de TV e jornalista em Florianópolis. Trabalha atualmente na Secretaria da Casa Civil do governo de Santa Catarina. (Arquivo pessoal)





*Oh, tristeza me desculpe,  
hoje estou de malas prontas  
Hoje a poesia veio ao meu encontro  
Já raiou o dia, vamos viajar  
Vamos indo de carona na garupa leve  
Do vento macio que vem caminhando  
Desde muito longe, lá no fim do mar*

*Vamos visitar a estrela da manhã raiada  
Que pensei perdida pela madrugada  
Mas que vai escondida querendo brincar  
Senta nessa nuvem clara, minha poesia  
Anda, se prepara, traz uma cantiga  
Vamos espalhando música no ar*

*Olha, quantas aves brancas  
Minha poesia, dançam nossa valsa  
Pelo céu que, um dia,  
fez todo bordado de raios de sol  
oh, poesia me ajude  
Vou colher avencas, lírios, rosas, dalias  
Pelos campos verdes que você  
batiza de jardins do céu  
Mas pode ficar tranqüila, minha poesia  
Pois nós voltaremos numa estrela guia  
Num clarão de lua quando serenar  
Ou talvez, até quem sabe, nós só voltaremos  
Num cavalo baio, o alazão da noite  
Cujo nome é raio, raio de luar*

*Raio de luar*

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARNEIRO, Antoninho Adão. **Comunicação Radiofônica: A História da Radiodifusão em Joaçaba**. Joaçaba, 1999. Curso de Pós-Graduação – Especialização em Fundamentos Teóricos de Publicidade e Propaganda – Unoesc.
- FORBÉCI, L.C.; MARCOS, W.; OURIQUES, D.; QUEIROZ, A.M. de (Org.) **Álbum Comemorativo do Cinquentenário do Município de Joaçaba**. Joaçaba: s. ed., 1967.
- KLÖCKNER, Luciano. **O Repórter Esso e a Globalização: A Produção de Sentido no Primeiro Noticiário Radiofônico Mundial**. 2001. Disponível em [www.intercom.org.br/papers](http://www.intercom.org.br/papers).
- MEDEIROS, Ricardo; VIEIRA, Lúcia Helena. **A História do Rádio em Santa Catarina**. Florianópolis: Insular, 1999.
- PEREIRA, Moacir. **Adolfo Zigelli: Jornalismo de Vanguarda**. Florianópolis: Insular, 2000.
- SIMÕES, Aldírio. **Retratos à Luz da Pomboca**. Florianópolis: s. ed., 1991.
- ZIGELLI, Adolfo. **As Soluções Finais**. Florianópolis: Lunardelli, 1975.
- PIAZZA, Walter S. (org.) **Dicionário Político Catarinense**. Florianópolis: Ed. Alesc, 1994.
- Revista SC – **Rádio e TV**, boletim informativo das emissoras Coligadas de rádio e televisão. Ano I, nº 2, julho de 1970.
- Jornal **O Estado**. Florianópolis, 1975, 1987, 1996 e 1980.
- Folha de S. Paulo**. São Paulo, 1975.
- Correio do Povo**. Porto Alegre, 1975.
- O Globo**. Rio de Janeiro, 1975.
- Jornal de Santa Catarina**. Blumenau, 1975.
- Tribuna Sulina**. Tubarão, 1975.